PAUL RICOEUR (n. 1913)

Toda a razão tem um horizonte sobredeterminado pela crença, havendo *um ponto, onde o racional comunica com o mítico,* donde deriva toda *uma constituição simbólica do laço social.*

◆Estuda em Rennes e na Sorbonne. Obtém em 1935 a *agrégation.* Mobilizado em 1939, é feito prisioneiro e aí começa a traduzir com Mikel Dufrenne *Ideen I* de Husserl. De 1945 a 1948 ensina no Collège Cévenol de Chambon-sur-Lignon, e, depois, Filosofia moral em Etrasburgo, onde sucede a Jean Hyppolite. A partir de 1956 é professor de História da Filosofia na Sorbonne.
◆Amigo de Emmanuel Mounier, colabora na revista «Esprit». De 1966 a 1970 ensina na nova Universidade de Nanterre, da qual se torna reitor entre Março de 1969 e Março de 1970. Passa para a Universidade de Chicago, (Divinity School). A convite da UNESCO faz em 1978 um inquérito sobre a filosofia no mundo.
◆Concebe a filosofia, como uma "teoria geral do político", que tem a política como fim Muito neo-hegelianamente fala no político como uma "totalidade envolvente" dos costumes humanos exercendo uma função hegemónica sobre as consciências políticas. O Estado é um "querer público central de vontade", pelo que "não há problema que seja politicamente neutro, isto é, sem incidência na vida do Estado". Enquanto isto, a política visa *congregar os interesses e os objectivos da existência humana; é no político que se joga o destino de um conjunto geo-histórico: cidade, nação, grupo de povos*.
◆Salienta que não pode haver política sem referência a uma "cultura", a um "horizonte de valores", a um "projecto de sociedade", pelo que os que pretendem reduzir a política a uma simples ciência ou a uma mera técnica praticam uma impostura intelectual e um engano metafísico.
◆Também adopta o institucionalismo, dado que este difere da hipostasiação do "espírito objectivo", que, como em Hegel, leva a absolutizar o conceito de Estado, dissolvendo a riqueza das relações inter-subjectivas e a autonomia do sujeito. Porque as instituições são o húmus onde estão solidificados os valores e

nas quais se pode exercer a alteridade, a mediação entre as liberdades. São estruturas de inter-acção que não são eticamente neutras. E é a base institucional, a ordem que assegura a tranquilidade e protege a intimidade, dado que só uma parte íntima do ser humano pode ser totalmente pessoalizada.

◆Porque "toda a razão tem um horizonte sobredeterminado pela crença", havendo "um ponto, onde o racional comunica com o mítico", donde deriva toda "uma constituição simbólica do laço social". Com efeito, "toda a ética que se dirige à vontade para a lançar no agir deve ser subordinada a uma poética que abre novas dimensões à nossa imaginação".

•*Histoire et Vérité,* Paris, Éditions du Seuil, 1955.. Cfr. trad. port. de F. A. Ribeiro, *História e Verdade*, Rio de Janeiro, Editora Forense, 1968. Destacam-se os caps. «Estado e Violência», pp. 237 segs., e «Civilização Universal e Culturas Nacionais», pp. 277 segs..
•*Finité et Culpabilité,* 2 vols., I. *L'Homme Faillible*, II *La Symbolique du Mal*, Paris, Aubier, 1960.
•*Eléments pour une Éthique,* Paris, 1962.
•*De l'Interpretation. Essai sur Freud,* Paris, Le Seuil, 1965.
•*Le Conflit des Intérpretations. Essais d'Herméneutique,* Paris, Éditions du Seuil, 1969.
•*La Métaphore Vive,* Paris, Éditions du Seuil, 1975.
•*Tendances Principales de la Recherche dans les Sciences Humaines,* Paris, UNESCO, 1978.
•*Soi-même comme un autre*, Paris, Le Seuil, 1990.
•*Lectures I – Autour du Politique,* Paris, Le Seuil, 1991.
•*Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*, Paris, Esprit, 1995.
•*Le juste, I*, Paris, Esprit, 1995.
• *L'idéologie et l'utopie*, Le Seuil, 1997.
• *Amour et justice*, PUF, 1997.
•*Ce qui nous fait penser*, Odile Jacob, 1998 (com Jean-Pierre Changeux).
•*La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Le Seuil, 2000.
•*L'herméneutique biblique*, Paris, Le Cerf, 2000.
•*Le juste, II*, Paris, Esprit, 2001.
•*La lutte pour la reconnaissance et l'économie du don,* Paris, Unesco, 2002
•*Parcours de la reconnaissance. Trois études*, Paris, Stock, 2004.

🗁 Renaud, Michel, «Paul Ricoeur», in *Logos*, 4, col. 775-785.